

# Populismo político é prejudicial à inovação

*Por Gillian Tett*

*Valor, 07/07/2025*

*A história da Sociedade Lunar de Birmingham deveria servir de alerta aos EUA de Donald Trump e seu movimento Maga*

Os Estados Unidos celebraram o ano de 1776 na sexta-feira - ou seja, o momento em que, em 4 de julho daquele ano, declararam sua independência dos britânicos. Porém, faria bem aos líderes em Washington refletir sobre outro ano, mais adiante naquele mesmo século: 1791.

Esse foi o momento em que o Reino Unido descobriu o quanto o populismo político pode ser prejudicial à inovação científica. E embora esse episódio seja pouco conhecido nos Estados Unidos, ele deveria servir como um alerta, especialmente agora, que o presidente Donald Trump obteve a aprovação no Congresso do seu “grande e belo” projeto de lei sobre impostos e gastos do governo.

Esta é a história da Sociedade Lunar, uma rede de empreendedores, cientistas e cidadãos curiosos que surgiu em Birmingham na metade do século 18. Ela se organizava em torno de jantares realizados durante a lua cheia, para facilitar as viagens - daí o nome.

Ao longo de várias décadas, essa rede estimulou invenções que aceleraram a revolução industrial, incluindo a descoberta do oxigênio e da água gaseificada (por Joseph Priestley), motores a vapor avançados (James Watt) e cerâmicas inovadoras (Josiah Wedgwood).

Pense nela como uma versão do Vale do Silício no século 18, um lugar onde a inovação florescia graças à proximidade entre os indivíduos-chave que atuavam em uma comunidade intelectualmente livre e diversificada, com muito menos interferências políticas do que em centros como Londres.

Em 1791 o Reino Unido vivenciou uma onda de polarização política e populismo. Multidões atacaram as oficinas da Sociedade Lunar, inovadores como Priestley emigraram e a rede ruiu. “O dano foi além da destruição física”, observa David Cleavelly, um empreendedor britânico, em um novo livro, “Serendipity”. “Os tumultos enviaram uma mensagem clara sobre a vulnerabilidade das redes intelectuais às pressões políticas... e um clima de medo se instalou.”

Essa história ainda ressoa 234 anos depois. Nos EUA, há uma onda de preocupação entre cientistas diante dos ataques de Trump à pesquisa científica. Em Harvard, por exemplo, US\$ 2 bilhões em financiamento - em sua maioria voltado para pesquisas médicas - estão em risco por causa de uma suposta retaliação política do presidente contra a universidade. Na Nasa, metade do orçamento destinado a pesquisas científicas poderá ser cortado, segundo os planos de financiamento de Trump para 2026. Bilhões de dólares também estão prestes a ser retirados dos orçamentos da National Science Foundation e dos National Institutes of Health.

De fato, Cassidy Sugimoto, professora de políticas públicas do Georgia Institute of Technology, sugeriu esta semana em Londres que o conjunto das medidas de Trump representa um “corte de 50%” em todo o financiamento público a pesquisas científicas nos EUA. “Trump reduziu o financiamento à ciência para os níveis mais baixos em décadas”, lamentou ela.

Mas o que é tão notável quanto esses números é o medo despertado pelos ataques políticos de Trump a causas “woke” (como a diversidade) e à ciência que seus apoiadores populistas desaprovam (como a pesquisa de vacinas). Isso não afeta apenas instituições como Harvard; cientistas americanos me dizem que programas de pesquisa estão sendo rejeitados em todo o país se contiverem palavras ou prefixos controvertidos como “trans”, “bi” ou “gênero” - mesmo se usados em conexão como, digamos, “estrelas binomiais” ou camundongos “transgêneros”.

“É uma coisa orwelliana - como se um programa de inteligência artificial simplesmente cortasse qualquer coisa com essas palavras”, me disse um eminente matemático.

Em resposta, cientistas estão trocando bilhetes secretos sobre como evitar os censores. Batalhas internas eclodiram em instituições de prestígio como as Academias Nacionais de Ciência, Engenharia e Medicina, sobre se devem ou não capitular diante de Trump.

Enquanto isso, alguns cientistas estão deixando os EUA. Em abril, a publicação “Nature” calculou que, em 2025, os pedidos de emprego feitos por cientistas americanos a instituições do Canadá, Europa e Ásia (exceto China) foram, respectivamente, 41%, 32% e 39% maiores do que em 2024. E esta semana, a França apresentou com orgulho seu primeiro grupo oficial de “refugiados científicos: um grupo de oito pesquisadores que vai se juntar à Universidade de Aix-Marseille.

Os apoiadores de Trump me dizem que essas saídas não importam, uma vez que são apenas uma gota no vasto oceano de talentos americanos. A Casa Branca também insiste que as estruturas de financiamento científico estavam infladas demais e precisavam de uma reformulação para desencadear uma nova “Era Dourada” da ciência.

Além disso, não há sinais de que esse ataque tenha realmente prejudicado a máquina de inovação em lugares como o Vale do Silício - ou pelo menos ainda não. E talvez isso não surpreenda. Em áreas como a inteligência artificial (IA), uma parcela crescente da pesquisa hoje acontece no setor privado. E muitos inovadores na Califórnia estão tentando ignorar o barulho vindo de Washington, para se concentrar em seus próprios projetos. “É uma forma de lidar com a situação”, me disse um deles.

Mas a lição da saga da Sociedade Lunar é que nenhuma rede de inovação está a salvo. Esse ataque é uma autodestruição absurda. Por isso, no momento, resta torcer para que a ofensiva chocante de Trump sobre a ciência seja revertida. Enquanto isso, líderes empresariais e políticos do país precisam, com urgência, apoiar grupos de pressão como o 314 Action, que está combatendo os planos de Trump - e também se manifestar publicamente. Pense nisso da próxima vez que vir uma garrafa de água com gás - e então lembre-se de 1791. **(Tradução de Mário Zamarian)**

